

Intermarché
BELMONTE

AO SEU DISPOR DAS 09:00h ÀS 20:30h
Posto de Abastecimento: 07:00h às 22:00h

PROGRAMA
Origens
SABORES DA NOSSA TERRA



Sabores cá dos nossos
Fruta, que sabe a verão
é cá das nossas

03 DE MAIO DE 2022 // Ano 8º // N°84 // Mensal // Diretora: Sofia Caramelo // Propriedade: Associação Desportiva de Belmonte // Preço 0.75€

PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
AUTORIZADO A CIRCULAR EM INVÓLUCRO FECHADO DE PLÁSTICO OU PAPEL.
PÓDE ABRIR-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL

TAXA PAGA PORTUGAL

Jornal de Belmonte

1-2-1-4
ALTO DA LOUSA
Vinhos da Planície Alcastrensê
275 471 070
Info@quintadostermos.pt

DESTAQUE

Festas do Concelho apontam ao futuro

As já tradicionais 'Festas de Abril' em Belmonte voltaram em pleno depois da pandemia e o destaque tem de ser dado à preocupação demonstrada com o futuro do concelho, seja pela oportunidade de desconfinamento, seja pelos novos planos de desenvolvimento económico e social como foram exemplo a apresentação do "Belmonte Connect" e a promessa da Ministra em apoiar a ERPI de Caria // **pág.10**

FOTO: GCI - MUNICÍPIO DE BELMONTE

ATUALIDADE

Colóquios da Lusofonia

Maratona de debates e apresentações regressam a Belmonte para a 35ª edição com a presença de caras conhecidas e temas interculturais da língua portuguesa // **pág.3**

FOTO: CARLOS AFONSO

CULTURA

Olas já é tradição

Passaram mais de mil pessoas na II edição da Feira da Morcela e do Arroz-Doce das Olas, reforçando o êxito que a primeira edição já tinha tido // **pág.8**

FOTO: CARLOS AFONSO

Farmácia Costa

Uma farmácia centenária ao serviço do concelho de Belmonte

Rua Pedro Álvares Cabral 149 6250-088 Belmonte • Telf. 275 911 141 • fcosta.belmonte@gmail.com

Horário: segunda a sexta - 09h>20h | sábados, domingos e feriados - 09h>13h



EDITORIAL

Os preconceitos da saúde mental

POR SOFIA CAMELO

Historicamente, o termo “saúde mental” nunca foi levado muito a sério, com a maior parte das pessoas ao longo dos anos a desmerecerem o impacto que esta pode ter na vida de uma pessoa e caracterizando alguém que padece de alguma doença mental como inerente-

mente “fraco” ou menos capaz que os outros. Este estigma relacionado com a doença mental provém do medo do desconhecido e de um conjunto de falsas crenças que origina a falta de conhecimento e compreensão, de doenças como a esquizofrenia, depressão, dupla personalidade, etc. Muitas pessoas não compreendem que tal como o cancro ou qualquer doença física, as doenças mentais têm causas por detrás e tal como qualquer enfermidade requerem cuidados e tratamentos específicos, sendo uma pessoa com depressão não menos fraca que uma pessoa com cancro ou qualquer pessoa. Não somos menos normais por termos uma doença e o facto é que uma pessoa que consegue ultrapassar ou melhorar de doenças tão desgastantes como a depressão é deveras uma pessoa incrivelmente forte e persistente.

Infelizmente, hoje em dia ainda existem muitas pessoas que não compreendem a significância de uma boa saúde mental e relacionam doença mental com por

exemplo ao sem abrigo cheché maluco que anda perdido pelas ruas e que fala sozinho, com a mulher que é maluca porque teve um surto psicótico, com o homicida “louco” que aparece nos filmes e muitos outros preconceitos. As palavras louco e maluco ofuscam termos como “esquizofrenia”, “dupla personalidade” ou qualquer outro distúrbio mental, fazendo com que os estigmas ligados à saúde mental persistam e que as pessoas que padecem de alguma doença mental se sintam envergonhadas e desconfortáveis em buscar ajuda médica e fazendo com que muitos doentes mentais não consigam melhorar ou recuperar da sua doença.

Contudo, nem tudo são más notícias e preconceitos, visto que apesar de tudo nos últimos anos tem se feito alguns progressos em consciencializar as pessoas da importância de uma boa saúde mental e do facto de que tal como qualquer membro do nosso corpo, a mente é algo que tem que ser cuidada e tratada caso a necessidade surja. Efetivamente, algo que recentemente

a pandemia do covid-19 trouxe foi pôr a saúde mental no léxico comum da nossa sociedade, mas não basta só as pessoas estarem conscientes da sua importância. Tem que se também implementar reformas estruturais de como lidamos com ela tendo em conta os recursos que temos disponíveis e infelizmente em muitos países estes não estão atualizados ou são suficientes. A necessidade de uma reforma neste setor nunca foi tão imperativa como nos tempos que vivemos, visto que mais do que os efeitos diretos da pandemia e do seu impacto psicológico imediato na vida de todos, as dificuldades económicas e sociais associadas a períodos de crise são muitas vezes determinantes na saúde mental de uma sociedade e atualmente a nossa sociedade está a passar por crise atrás de crise. Então, mais do que nunca, esta é a altura de darmos mais atenção à saúde mental e quebrar todos os preconceitos e estigmas que ainda existem nela.



Pensando alto

POR CARLOS AFONSO

Caros leitores, parece mentira mas é verdade - com a publicação deste jornal de Maio iniciamos o começo do oitavo ano desta nossa aventura de Belmonte ter um jornal em papel e com regularidade. Já são 84 as publicações que fazemos ininterruptamente, sem falhar nenhum mês, mesmo com uma pandemia que nos assolou por dois anos. Foi uma fonte inspiradora, obrigou-nos a reinventarmo-nos, descobrir novos temas, novas abordagens, novas temáticas e penso que o conseguimos.

Foi um caminho muito árduo de muitas incertezas, mas conseguimos aqui chegar. Facilmente concluímos que valeu a pena este caminho feito desde Maio de 2015, data em que nasceu este projecto. Vivemos momentos de muitas incertezas e ainda estamos a viver momentos de incertezas. Não sabemos o que são facilidades para fazer chegar até vós todos os meses este nosso Jornal de Belmonte.

Este projecto vive do muito empenho, de um punhado de homens e mulheres que o alimentam e fazem que este seja uma realidade. Todos os meses nos reunimos ao domingo para fazer o fecho de cada edição e envio para a gráfica para que à terça-feira ele esteja nas bancas, umas vezes mais cansados que outras, mas a conclusão é sempre a mesma - que valeu a pena o trabalho realizado. Ficamos com um gostinho na boca de dever cumprido. O Jornal de Belmonte é um órgão de comunicação direccionado para Belmonte e o seu concelho com uma linha editorial virada para as pessoas. Para além de informar tem o grande objectivo de registar para memória futura o que de mais

relevante se passa no nosso meio e com as nossas gentes, objetivo que pensamos estar a conseguir realizar.

Neste momento de comemoração quero agradecer ao painel de cronistas do nosso jornal (que rotulo de qualidade) e que todos os meses escrevem sem receber qualquer tipo de paga pelo seu trabalho, com o único incentivo o de colaborar. Assim como os outros colaboradores na redação a borla é a nossa arma e por isso também é difícil exigir quando cada um dá o que melhor tem de si. Se esta vontade se vai manter por muito mais tempo não sei... Por vezes o cansaço vence-nos e o erro que não vemos e está ali mesmo debaixo do nosso nariz (como foi no jornal de Abril, onde se deveria ler 7 de Abril está escrito 11 de Janeiro). Só peço que nos perdoem estes nossos enganos porque o esforço e o empenho não tem faltado.

Não posso deixar de, mais uma vez, agradecer aos nossos patrocinadores que tem tido um papel fundamental para termos chegado aqui. Sem eles o nosso esforço não valeria de nada. A todos quero aqui deixar uma palavra de agradecimento,

porque a maioria está connosco desde a primeira hora. Obrigado por acreditarem no nosso esforço que todos os meses fazemos para produzir o nosso jornal. Quero ainda aqui deixar uma palavra aos nossos assinantes que tem estado desde o primeiro dia numa curva ascendente: queremos mais, assim como queremos que nos façam chegar as vossas críticas. O nosso jornal é feito para os leitores. Só se for lido tem razão de existir. Os ecos que nos chegam são positivos. Hoje as sobras já são poucas e o nosso objectivo é o aumento da tiragem, mas o primeiro de todos é manter o jornal. Tem sido possível com este elo que existe entre a direcção, redação e composição gráfica, cronistas, patrocinadores e leitores. Se um destes elos falhar é todo um projecto que morre. Tudo faremos para continuar este caminho difícil, mas gratificante. Até hoje tem sido possível contornar os obstáculos que têm surgido ao longo dos últimos 7 anos. Têm sido muitos mas temos sido capazes de os vencer. Queremos assim continuar e acreditar que o Jornal de Belmonte tem futuro.



Curiosidades Concelhias

POR IVO CERDEIRA

Quero que esta curiosidade seja sobre nada: foram já tantos os sítios e coisas que nestes meses temos vindo a observar pelos olhos das crianças que, neste mês, faço eu birra de criança, e nada mais. De resto, mantendo a metáfora infantil, como um menino a quem alguma coisa desagrade, e que fecha os olhos na escuridão vazia para não ver essa coisa -

assim fecho os olhos e a curiosidade que vejo é nada.

A razão desta mudança não é, em todo o caso, capricho infantil, nem tampouco falta de material curioso para apresentar, tanto mais num mês que nos trouxe a Páscoa, o 25 de abril ou as Festas do Concelho; mas se o propósito é uma curiosidade de nada, é inútil procurar a razão para se querer, porque será nenhuma. Todavia a finalidade pode ser procurada, até porque já houve quem fizesse coisas em vão, e alcançasse grandes coisas - e assim diferentemente dos outros meses e curiosidades existentes, tentar-se-á encontrar alguma aprendizagem neste esforço de abstracção - ou, melhor dizendo, procurará ver-se se de nada se pode fazer alguma coisa, o que em si é já curioso.

Logo ao princípio tenho de reconhecer o embaraço que será dizer do nada alguma coisa, ou esperar mesmo que seja interessante. Efetivamente, nada é um conceito negativo, como vazio, ou zero, na medida em que a sua existência, por

definição, é impossível - pois não pode existir nada, ou haver vazio, ou contar-se zero; e aliás pelo contrário existe só nada, vazio ou zero quando deixa de existir a coisa, o espaço ou o número. Nesta ausência de sentido será difícil encontrar um - mas logo à partida se dá conta de como este ponto zero de partida é condição indispensável à curiosidade, pois desperta-a o que se não conhece ainda. Por não saberem as coisas é que os pequenos perguntam curiosos: “O que é isto?”, dando de certo modo razão à teoria da tábua rasa dos empiristas; como o contrário também sucede e prova o mesmo, e assim se ouve dizer a quem julga ter aprendido tudo: “Isso já eu sei.”

Para além disto a ignorância do que se não sabe é a maior potenciadora da criatividade, o que há-de ser a qualidade mais curiosa do Homem, pois à partida não se sabe o que sairá dela; e é um facto que não há discurso mais elaborado, frase mais precisa, ou gesto mais assertivo do que aquele que é sobre o que se desconhece,

nem diz com maior quantidade que tem, com maior brilho que viu, ou que como ninguém sabe, quem nada tem, nada viu, nada sabe - pois quando se não sabe, inventa-se. Assim dizia-me um conhecido que tal banco era o melhor para investimentos de grande monta; outro contava-me que a sua mulher era uma jóia, e que não havia igual; e um terceiro narrava-me como Lisboa é uma cidade grande e linda - enquanto eu sorria ao ouvi-los, sabendo que o primeiro era pobre, que o outro estava solteiro, e que o último nunca tinha saído da Beira Baixa. Para uma curiosidade de nada, reconheço que não esperava escrever tanto, e o medo que tinha era que tivesse que deixar este espaço em branco, felizmente infundado - e assim para acabar o que de nada foi dito curiosamente recordo que o livro de Micromégas, contendo os segredos da vida e da morte - quando foi aberto, estava em branco.

Atualidade



35º Colóquio da Lusofonia em Belmonte

Foi entre os dias 8 e 12 de abril que abriu portas Belmonte a mais uma edição dos Colóquios da Lusofonia, e a cultura lusófona entrou

POR SOFIA CAMELO/IVO CERDEIRA

Acelebrar o seu vigésimo aniversário, os Colóquios de Lusofonia visitaram mais uma vez Belmonte, decorrendo de 8 a 12 de abril a sua 35ª edição. Esta foi a quinta vez que este certame, dedicado à divulgação e estudo da cultura lusófona, visitou a nossa vila, tendo-o feito primeiro em 2017 e regressando todos os anos desde então, exceto em 2020 pela razão de todos conhecida.

Realizados principalmente no Auditório do Museu Judaico, foram-nos estes colóquios trazidos por organização da AICL (Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia), cujo presidente e poeta, Chrys Chrystello (ver entrevista anexa) foi um dos principais oradores, moderador e interveniente nestes quatro dias dedicados à cultura portuguesa. Efetivamente, dada a multiplicidade de áreas sobre as quais pode ser pensada a nossa cultura nacional, também este colóquio

procurou o ecletismo na oferta dos temas a ser comunicados, e assim tratou-se a açorianidade, homenagearam-se escritores, escutou-se música galaico-portuguesa, portuguesa continental e insular, e debateu-se a possibilidade de uma filosofia eminentemente nacional – assuntos prementes e interessantes num tempo de globalização e mono-assimilação cultural que a pouco e pouco vêm desgastando a unidade coletiva social, e para o qual a língua comum, o português, é uma importante salvaguarda de identidade. Com vários autores e de relevo todos os dias, presentes e mencionados, este evento erudito começou com uma apresentação e discurso do Presidente da Câmara de Belmonte, António Rocha, juntamente com Chrys Chrystello, e Joaquim Costa da Empresa Municipal do Concelho – ao que então se deu início aos trabalhos, e a língua de Camões foi o meio e fim dos vários temas abordados: estes veem tratados em seguida separadamente, e sem a ordem cronológica em que sucederam, para

maior facilidade de leitura, tal como Eça organizou a Correspondência de Fradique.

A AÇORIANIDADE COMO FENÓMENO PARTICULAR DA LUSOFONIA

A Açorianidade, “condição histórica, geográfica, social e humana do ser açoriano”, tal qual a criou e define Vitorino Nemésio, é um fenómeno curioso e único dentro da lusofonia na medida em que se pode falar de uma cultura insular e de outra continental, mas ambas portuguesas – e é de facto admirável como os Açores criaram e mantiveram até aos dias de hoje esta forma de ser que consideram sua, e tão diversa da que é a nossa, como são exemplo os diversos arcaísmos e expressões locais que em português empregam, ou o número grande e importância dos pensadores nas ilhas nascidos, como o acima citado, ou Antero de Quental, ou Manuel de Arriaga. A força da açorianidade é tão grande, aliás, como notou Helena Chrystello na sua exposição, “Pré-apresentação da Nova

Antologia de Autores Açorianos”, que mesmo autores nascidos fora deste Reino de Atlântida escrevem sobre ele, como Aníbal C. Pires, ou o poeta alentejano Almeida Firmino; e para prova conclusiva deste carácter único da açorianidade no panorama da lusofonia, basta reparar que não existe uma “madeiridade”. Por tal importância foi dedicada grande parte do segundo dia de colóquio às Açorianidades, com moderação de Luciano Pereira, e falou primeiro o eminente poeta açoriano, Eduíno de Jesus, expondo “O conceito de Literatura Açoriana”; em segundo outro poeta e também açoriano, mas não menos eminente, Álamo Oliveira, que recordou Dias de Melo; e em terceiro e com sotaque igual, M^a João Ruivo, a qual trouxe uma “Apreciação crítica sobre Tenuíssima Espuma de Luz”, do primeiro orador e poeta a falar. Similarmente no último dia dos colóquios voltou-se às ilhas vulcânicas, e o historiador José de A. Mello expôs “Legados históricos da Sinagoga de Ponta Delgada”, ligando assim a maior

PUBLICIDADE



Casa do Castelo RESTAURANTE

Largo de S.Tiago (junto ao Castelo)
BELMONTE
T: 275 181 675 / 964 713 108
www.casadocastelo.net

Atualidade



FOTO: G.C. - MUNICÍPIO DE BELMONTE

cidade dos Açores com a vila de Belmonte, como também falou Sérgio Rezendes, Vereador de Cultura da Câmara de Ponta Delgada, para afirmar que a mentalidade açoriana, dado o seu lugar geográfico, é predominantemente atlântica, senão mesmo americana, e não europeia como em Portugal Continental. Num momento bastante humorístico, mas mantendo a açorianidade, também esteve de visita ao Auditório Judaico o comediante Luís Filipe Borges, se bem que em horário diferente do previsto, tendo que encurtar a sua presença no colóquio por motivos pessoais: este falou sobre a escrita humorística e do seu programa “Um corisco mal-amanhado”, que a cada episódio mostra um lugar diferente dos Açores. Conhecido por programas na RTP, como o “Cinco para a meia-noite” ou “A revolta dos pastéis de nata”, Borges falou também com humor do início da sua carreira como estudante de direito e jornalista, para cuja biografia ajudou Luíz Felipe Sarmiento. Em conversas e memórias Sarmiento acabou por partilhar também como conheceu o seu colega de painel nos bastidores da RTP1, quando este tinha 16 anos e onde o próprio também trabalhou na produção de videoclipes de livros. Assim foi tratada a açorianidade no âmbito destes Colóquios da Lusofonia, e entre o cheiro a oceano que ficou, ficou também a frase de que, apesar de “um homem ser uma ilha”, os Açores são logo nove.

HOMENAGEM AOS ESCRITORES

A língua pertence a quem a fala, mas com certeza também a quem a escreve – pois já foi dito que os pais das línguas são os poetas, e a mãe, as paixões deles – de maneira que não ficaria completo este Colóquio da Lusofonia sem homenagear aqueles que, de caneta na mão, constroem a cada dia a língua que falamos: um destes laureados foi o poeta presente Eduíno de Jesus.

Eduíno de Jesus nasceu em Arrifes, Ponta Delgada, em 1928, e a ancianidade que alcançou na vida e nas letras contrasta com a precocidade com que criou o Círculo Literário Antero de Quental, grupo de amigos da escola com o interesse comum da leitura – tinha apenas 13 anos. Desta tertúlia fizeram parte nomes como Fernando de Lima, e Fernando Aires, contando com o apoio do escritor já consagrado à época, Armando Cortês-Rodrigues, e contou o poeta como na altura deslumbrava a poesia nova que descobriam de Sá Carneiro, ou de Fernando Pessoa. Louvado pelos presentes no colóquio pelo seu mais recente livro de poesia, “Como Tenuíssima Espuma de Luz”, editado pela



FOTO: G.C. - MUNICÍPIO DE BELMONTE

Nona Poesia, foi maior o agradecimento quando Luiz Felipe Sarmiento, querendo também contribuir para a homenagem, falou que o primeiro livro de poesia de Eduíno, “Caminho para o desconhecido”, datava já de 1952, de modo que neste ano cumpria assim o autor 70 anos de carreira profissional – coisa que nenhum dos presentes soube ter sido repetida por outro escritor. Assim a homenagem possível, mas merecida, foi que toda a plateia aplaudiu levantada durante setenta segundos o poeta de bengala, e como durou mais dez segundos a ovação do que o combinado, entendeu-se que ficavam para os dez anos mais que passarão.

Para além de Eduíno foi também homenageado o escritor Pedro Paulo Câmara, autor de uma Tese de Mestrado sobre Armando Cortês-Rodrigues, a qual não só foi um sucesso de investigação aquando da sua apresentação académica, como também foi um sucesso mediático nos Açores após publicação comercial, conquistando assim por valor próprio dois auditórios diferentes. Com a filosofia de que se devem honrar e homenagear os vivos em vez dos mortos, “pois quem morreu não pode colher os frutos e o orgulho de ser homenageado”, Chrys Chrystello apresentou Paulo Câmara e a sua obra, agora transformada em livro, questionando-o sobre a inspiração por detrás deste trabalho investigativo e também sobre os seus outros trabalhos e amor pela escrita. Homenageado logo no primeiro dia, no segundo o escritor açoriano falou sobre o seu livro, “Cortês-Rodrigues: Crónica de uma exposição anunciada”, abordando-o em mais detalhe e mencionando também a exposição sobre a vida e trabalho de Cortês-Rodrigues que está exposta no museu Carlos Machado, em Ponta Delgada, até setembro.

A MÚSICA COMO TRANSPORTE E EXPRESSÃO DA CULTURA

Como transporte e expressão da cultura, a música: transporte porque carrega consigo a carga conceptual da cultura vigente dentro da qual é criada, como o som seco dos adufes nos remete para a Beira Interior e passado árabe; expressão porque esta carga cultural que carrega é logo à partida a sua mensagem, como ao som seco dos adufes se canta o “Milho Verde”. Assim, também a música não ficou esquecida nestes colóquios que visam divulgar e conhecer a Lusofonia, e esta aproximação entre o que se diz, e como, de que é capaz a música, mostrou-no-la a galega Isabel Rei, de forma musical: partindo da ligação estreita que existe entre o povo da Galiza e o português, tanto pela raiz comum

aos dois idiomas, o galaico-português antigo, como pela similaridade entre a guitarra galega e a viola portuguesa, como, enfim, pela atlanticidade que nos banha em comum as praias e que Espanha não conhece noutra região – por todas estas razões e pela amizade natural que une estes dois povos, tocando a guitarra galega e cantando no seu galego nativo conseguiu Isabel Rei unir a cultura que cantava à nossa que a ouvíamos, e Portugal e Galiza foram um só, como nem diante de Tui conseguiu Afonso Henriques.

Acompanhou também este processo de aculturação musical a pianista e professora de música açoriana Ana Paula Andrade (ver entrevista anexa), que no Auditório Judaico tocou em dois momentos arrebatadores do colóquio, primeiro com a belmontense Joana Carvalho, e no encerramento do certame, com António Costa – interpretações sublimes das quais a própria disse que, tendo corrido bem sem ter tido grande possibilidade de ensaio com quem tocava, assim mostram “a magia da música que nos faz estar juntos”.

Foi por conseguinte juntos que no primeiro dia do colóquio, pelas 21 horas e 30 minutos, Isabel Rei, Ana Paula Andrade, o Coro Animato e elementos da Escola de Música de Belmonte ofereceram à comunidade um soberbo espetáculo inserido nas comemorações da Lusofonia: a trovadora galega iniciou com uma composição de Ferrol, passando depois a um tema de Paco Bandeira; a pianista açoriana, conjuntamente com Ruben, da Escola de Música de Belmonte, interpretou a música “Saudade”, sua conterrânea, e depois “Rosa Branca”, conterrânea de Ruben e nossa, encerrando com “Ilhas de Bruma”, de Manuel Ferreira; e finalmente o animado Coro Animato, composto por doze elementos, cantou à capela “Loucos de Lisboa”, “Cantigas de Maio”, de Zeca Afonso, e “Vaca de Fogo”, dos Madredeus.

A FILOSOFIA PORTUGUESA E A REVISTA NOVA ÁGUIA

Não é possível conceber a Lusofonia sem a ação de um pensamento que aborde criticamente a possibilidade de existência de uma cultura estritamente nacional – ou seja, uma filosofia portuguesa. A esta cabe a definição dos conceitos e delimitação daquilo que podemos considerar objetivamente a nossa identidade conjunta, e neste movimento que se debruça sobre si mesmo damos conta de que, face à possibilidade de que não haja esta unidade, ela existe ao pensar-se, como a cobra que

dá conta de si ao morder o próprio rabo. No seguimento desta linha de pensamento, foram ao longo dos três dias de colóquio lembradas duas figuras históricas de uma proto-filosofia portuguesa, o sapateiro e profeta de Trancoso, Bandarra, e o missionário Padre António Vieira, ambos percursos da temática do “Encoberto” tão importante para a Lusofonia, e que até aos nossos dias chegou. Avançando no tempo, aliás, chamaram-se ao colóquio Agostinho da Silva e Eduardo Lourenço, lembrando o projeto comum a ambos de uma filosofia portuguesa assente em caracteres nacionais, quer fosse materializada na formação de um império com a mesma língua para o primeiro (e para Pessoa), quer fosse baseada no conceito de “saudosismo” para o segundo – e a fim de nos elucidar acerca do estado presente da filosofia portuguesa teve a palavra Renato Epifânio, professor universitário e membro do Instituto de Filosofia da Universidade do Porto. Num discurso sereno, pausado, e sábio, Epifânio traçou brevemente a história do que pode ser considerado filosofia portuguesa, e avançou que presentemente esta tem lugar na Revista Nova Águia, de cuja edição é o diretor: contabilizando à data vinte e nove publicações, procura esta revista inspiração “na visão de Portugal e do Mundo de Teixeira de Pascoaes, Fernando Pessoa e Agostinho da Silva”, e é nada mais do que a versão hodierna da Revista Águia, para a qual contribuíram famosamente no século passado os três autores nomeados acima, e também Jaime Cortesão, Leonardo Coimbra ou António Sérgio. Por curiosidade para os interessados, fica noticiado que a última edição desta nova revista contempla o artista plástico Lima de Freitas na sua juventude, e oferece esboços e poemas seus até hoje inéditos.

Concluíram-se assim os quatro dias de Colóquios da Lusofonia, e a cultura portuguesa saiu reforçada. Com efeito, menciona-se também que foi anunciada a associação recente entre a AICL e a World Poets Society, no âmbito da qual decorrerão futuramente estes colóquios e que houve um passeio pelo Concelho programado para o terceiro dia do evento, mas que por causa da muita chuva não se fez.

Com palestras muito enriquecedoras, nota-se que o único ponto menos bom destes dias foi a fraca afluência de público ao Auditório – o que coincidentemente bem demonstra a cultura portuguesa, pois se fosse bola, tourada ou missa, com certeza havia mais público.



FOTO: CARLOS AFONSO

Atualidade

Entrevista a Chrys Chrystello



O Jornal de Belmonte ouviu o principal dinamizador dos Colóquios da Lusofonia, Chrys Chrystello

JB: Quem é Chrys Crystello?

CC: Chrys Crystello é um cidadão do mundo: fui maioritariamente australiano, embora tenha nascido em Portugal, tenho origens alemãs, galegas, brasileiras e minhas do lado paterno. Do lado materno tenho origens marranas, a minha mãe nasceu em Trás-os-Montes, e eu nasci no Porto, mas eu é que sou o transmuntano da família. Vivi em Timor, Macau, Bali Indonésia, Austrália, Bragança e estou agora há 18 anos nos Açores. Comecei na ponta oriental do império e acabei agora na ponta ocidental.

JB: Após vinte anos de Colóquios da Lusofonia qual é o balanço que faz?

CC: O balanço que faço é o seguinte: tinha acabado de casar com a Helena e disseram-me que era impensável em Portugal um colóquio onde as pessoas têm que pagar para participar, e que não tinha viabilidade, pois aqui paga-se para as pessoas irem, e que se conseguisse fazer dois colóquios já era muito. Quando veio a crise de 2008 nós já fazíamos dois por ano, passámos essa crise, passámos a pandemia, e continuamos a fazer dois colóquios por ano. Só interrompemos em 2020. Isto excedeu todas as expectativas, e eu próprio nunca esperei fazer vinte anos de Lusofonia, nem vinte colóquios, quanto mais trinta e cinco. A minha grande preocupação neste momento é se tenho idade e saúde, que a minha mulher já não tem, para chegar aos 50 colóquios.

JB: Neste momento da sua vida sente portanto receio de que os colóquios não tenham continuidade?

CC: Sem dúvida nenhuma, os mais velhos estão a começar a morrer, isso é notório, por isso estamos a tentar atrair nova gente: nos próximos colóquios de Ponta Delgada já temos 65 pré-inscritos, cuja idade é inferior aos 50 anos. Estamos a tentar atrair novos autores e temos muitos de qualidade. Dentro dos nossos associados já temos alguns que, se eu já não puder mais, podem dar continuidade aos Colóquios da Lusofonia. Tenho uma angústia, e é que estes 20 anos venham a morrer comigo, mas vamos tudo fazer para que isso não aconteça.

JB: Está a dizer que estão a preparar o futuro?

CC: Sim, estamos. Na Assembleia Geral da AICL já substituímos o Dr. Malaca Casteleiro por gente mais nova, assim como no Conselho Fiscal. Estamos a tentar garantir o futuro.

JB: O Jornal de Belmonte tem acompanhado os vossos colóquios, desde que eles vieram até Belmonte, e ficamos com a sensação de que o vosso grupo é um acérrimo defensor do Novo Acordo Ortográfico para a Língua Portuguesa. É assim ou não?

CC: A nossa associação é em Portugal responsável pela introdução do Novo Acordo Ortográfico desde 2007, quando o Dr. Malaca Casteleiro e Evanildo Beichara vieram aos nossos colóquios e se tornaram nossos patronos. Causámos uma agitação tão grande, sobretudo no Brasil, que muitos jornalistas ligavam-nos para cá e inquiriam o Ministério da Cultura, questionando o que

havia com o Novo Acordo Ortográfico. Esse foi o pontapé de saída para que o acordo entrasse em vigor. Temos tudo atualizado no nosso portal há muitos anos, todos os autores que não escrevam segundo o novo acordo são automaticamente convertidos, e isto porque é a norma dos colóquios. Não faz sentido ler hoje Alexandre Herculano ou Eça na grafia antiga. Quer queiram, quer não, daqui a uma geração vão ser todos convertidos ao Novo Acordo Ortográfico. Nós só estamos a antecipar o futuro.

JB: Mas concorda que existem problemas na aceitação e até de compreensão do Novo Acordo Ortográfico?

CC: Os problemas que existem são mais ao nível lexical e fonológico, não têm que ver com o novo acordo: os brasileiros falam de uma maneira, nós de outra maneira em Bragança, aqui nós falamos de uma forma que os do Porto não entendem, e o lisboeta fala de outra forma – isto são coisas totalmente diferentes. Também sabemos que o Brasil tem 20 vezes mais população que Portugal, e em qualquer conferência internacional aparecem muito mais brasileiros que portugueses.

Existe uma conveniência em haver uma escrita unificada, pois facilita muito a compreensão. Que existe muita má vontade dos brasileiros em entender o português, é inegável, eles seguem um determinado número de regras e arcaísmos que influenciaram a sua forma de ser, pensar e escrever, assim como nos Açores existem também arcaísmos que já não se usam em mais parte nenhuma; todavia aquilo que se pretende é a unidade da nossa língua.

Entrevista a Ana Paula Andrade



O Jornal de Belmonte ouviu também Ana Paula Andrade, pianista virtuosa açoriana

Jornal de Belmonte: Quem é Ana Paula?

Ana Paula: Sou uma açoriana de Ponta Delgada, fiz a minha formação até aos 18 anos no Conservatório de Ponta Delgada e depois vim 5 anos para Lisboa frequentar o antigo Conservatório Nacional, porque ainda não existia a Escola Superior de Música. Aí fiz o meu Curso Superior de Piano e Composição, que foram duas áreas que sempre me cativaram imenso.

Sou professora já há 32 anos, naquela que é a casa por onde já vi passar várias gerações, e onde também já estive 15 anos à frente

da Direção do Conservatório de Música de Ponta Delgada. Tenho tentado conciliar a docência com o ser pianista, e nisto tudo o que mais me fascina são os jovens. A música para mim é uma paixão, sempre que me pedem gosto de tocar em palco o piano. Sinto que sou professora por vocação.

JB: Já esteve mais vezes a tocar em Belmonte, até musicou algumas músicas nossas. Como é estar nesta terra onde é sempre admirada quando está em palco?

AP: É muito agradável. Já estive várias vezes em Belmonte, já cá toquei com o meu filho e a minha filha, já toquei com alunos

da Escola de Música de cá, já cá estive com a Orquestra do Conservatório de Ponta Delgada, e fomos muito bem-recebidos. A Orquestra da Escola de Música Pedro Álvares Cabral era para ter ido a Ponta Delgada, mas devido à pandemia isso não aconteceu; vamos ver se conseguimos que vão lá quando a pandemia acalmar. Isto para dizer que trabalhar com alunos e jovens é para mim um prazer muito grande, pois também aprendo muito com eles. Musicar as músicas de Belmonte foi uma forma de retribuir e de partilhar com os jovens daqui.

JB: Desta vez subiu ao palco com vários jovens de Belmonte. Foram momentos bonitos?

AP: Foi maravilhoso. Vir participar nos Colóquios da Lusofonia e tocar sozinha não fazia sentido, pelo que naturalmente surgiu a ideia de partilhar o palco com jovens que quase não tive tempo de conhecer antes, nem de ensaiar com eles: no primeiro dia com o Orlindo tivemos meia hora de ensaio e ele portou-se muito bem, e foi muito corajoso, pois tocámos sem praticamente ensaiarmos – mas também é verdade que a professora Amélia foi espetacular em preparar os jovens, ela é uma profissional excelente. Tocámos duas canções dos Açores e duas de Belmonte, foi lindo! A professora Amélia diz que os jovens não conhecem muito bem as canções de Belmonte, que também são muito bonitas, e esta pode ser uma forma de dar a conhecê-las aos jovens de cá e aproximá-los à música tradicional, da qual eu gosto muito. Tocámos um arranjo que eu fiz para piano e violino, e provámos que não são só os ranchos folclóricos que transmitem o tra-

dicional. Das duas músicas dos Açores e de Belmonte o resultado foi perfeito – a música tradicional tem muitas potencialidades. Também gostei da interpretação da Constança e do Martim, que cantaram muito bem: esta interação com os jovens é muito positiva para eles e para mim.

JB: Há quantos anos participa nos Colóquios da Lusofonia?

AP: A primeira vez que participei foi em 2008, em São Miguel: fui substituir um grupo de cordas de música tradicional, que à última da hora não pôde participar, e eu fiz uma parte com música Açoriana, tocada só com piano, e acho que correu muito bem. Tenho sido sempre convidada, e já fui com eles a Macau, Galiza, Bragança, Brasil, e a Belmonte onde já vim várias vezes. Tento sempre trazer a música açoriana e tento sempre adaptá-la à música local dos sítios onde vou. Aqui, como ouviram, fiz um arranjo com um poema de Antero de Quental que a Constança e o Martim interpretaram muito bem. A música envolve as palavras, pegar num poema e musicá-lo é muito importante, e tenho feito isso com vários poetas açorianos.

JB: Como tem sido a sua parceria com a Escola de Música de Belmonte?

AP: Tem sido um prazer imenso vir a Belmonte e participar nestes colóquios, sobretudo esta parceria que tenho com a Escola de Música de Belmonte desde há quatro anos. Vamos fazer tudo para ver se para o ano que vem a Orquestra da Escola de Música Pedro Álvares Cabral vai aos Açores como estava previsto acontecer – serão muito bem-recebidos. ■

Destaque



Festas do Concelho de Belmonte e de todos

Após dois anos de interrupção, eis que as Festas do Concelho de Belmonte voltaram ao nosso Município

POR IVO CERDEIRA/SOFIA CAMELO

Foram cinco dias de folia que o Concelho de Belmonte viveu por razão dos festejos municipais, e entre os dias 22 de abril e 26 mesclou-se cultura, futebol, comida, livros, cravos, missa, economia e fogo de artifício, tudo coroado com música e cerveja durante as noites – de maneira que se o propósito inicial da celebração deste ano foi “juntar apenas artistas da terra para que a festa seja ainda mais nossa”, pela conterraneidade de quem veio animar, por esta variedade de atividades realizadas e, enfim, por haver dois anos que a pandemia impedia que Belmonte festejasse – assim o público em número grande, municipal e de fora, festejou.

A ABERTURA DAS FESTAS

Na tarde deste dia, dia 22, deu-se início às festividades e até o sol veio ver, propiciando um ambiente agradável e a esperança dos presentes de que a festa, começada então, brilharia até ao fim.

Foi pelas 16 horas que decorreu no Auditório do Museu Judaico o colóquio “O Brasil Indígena em 1500 – Costa dos Descobrimentos”, e acertadamente convidaram-se três oradores brasileiros para uma festa

que se queria à partida nossa – mostrando os laços de identidade que unem Belmonte ao Brasil, e mostrado pelas palavras destes três oradores mesmos, quando cada um, em seu discurso, afirmou que “em Belmonte sentia-se em casa”.

Tomou a palavra primeiro Carleone Filho, Diretor do Centro Municipal de Pesquisa, Educação e Cultura de Porto Seguro, e pela língua portuguesa que falamos comumente começou a sua exposição com o poema “Mar”, de Fernando Pessoa. De seguida mencionou a Carta de Pêro Vaz de Caminha, relatando a chegada de Cabral às Américas e o primeiro contacto com os nativos, referindo que para muitos, no Brasil, se tem este documento histórico e a data que menciona, 22 de abril, como a certidão de nascimento nacional – porém fez notar que esta Carta apresenta apenas uma visão europeia e medieval do primeiro contato entre duas civilizações, contada por uma delas, pois que o Brasil era já povoado por nativos com civilização e costumes próprios, não sem isso como Pêro parece relatar. Assim o orador questionou o conceito de nascimento do Brasil, ou do seu descobrimento, preferindo ao invés chamar-lhe “achamento”, pois “o Brasil já lá estava”. Seguidamente falou Laércio Silva, Diretor Cultural do Município de Porto Seguro, o

qual referiu vir do lugar onde primeiro desembarcou Cabral e os portugueses quando chegaram a Terras de Vera Cruz, mostrando num mapa as “barreiras vermelhas” que Pêro menciona na sua Carta e que são um fenómeno geológico ainda hoje visível na costa brasileira daquela zona. Na estreira do orador anterior, mencionou igualmente que a imagem do índio nu, sem agricultura nem religião que Pêro conta é injusta, pois havia já civilização e cultura ancestrais entre os vários povos que habitavam o sítio, Pataxós, Tupinambás, Botocudos ou Kamacãs – só que uma civilização e cultura diferentes. Deste modo, lançando o repto para “pensar a Humanidade ouvindo os nativos, para sabermos donde vimos e para onde vamos”, passou a palavra ao terceiro orador da tarde, o índio Raoni, representante da Tribo Pataxó.

A língua com que este nativo brasileiro exótico começou a sua exposição foi o Pataxó-Hãhãhã, o que nos presentes causou perturbação inicial e deleite enquanto durou, sentindo-se nas ondulações do idioma estranho a voz da nossa primitividade original comum. De resto, e já na língua de Camões, ensinou o índio que “Pindorama” é o nome nativo da terra que depois se veio a chamar Brasil, significando “terra de muitas palmeiras”; e acrescentou, em mais uma

narrativa indígena que desafia o nosso racionalismo, que Pataxó é o povo que surge dos salpicos de água que o seu deus lançou sobre a terra, daí que o nome queira dizer “banho ou povo da água” – e a aliança que ainda hoje mantém com esse deus ouve-se no chocar das ondas do mar, soando o seu nome. “Quanto mais perto estiver o Homem da Mãe Natureza, melhor”, afirmou finalmente Raoni, enfatizando a aprendizagem com as raízes e a ancestralidade necessária a todos, como “olhar o futuro no passado”

Após este evento cultural diurno, a noite agraciou e entreteve também muitos foliões no Pavilhão Multiusos de Belmonte, com artistas do Concelho e da região: com seis bancas de bebida e um palco pronto a ser utilizado, às 22 horas já começavam a entrar pessoas para o recinto à espera do primeiro artista da noite, João Clara, que aqueceu o palco para o segundo convidado, Felipe Nunes. Com uma noite de músicas típicas de bailaricos da terra, podia-se ver o entusiasmo das pessoas em poder voltar a dançar e cantar com uma cerveja na mão sem terem que se preocupar com máscaras ou normas de restrição. Sempre com movimentação de pessoas a sair e a entrar e de crianças a correr pelo pavilhão todo, a primeira noite acabou com o Dj

PUBLICIDADE



SUPERBELMONTE

Supermercado, Lda.
Rua Pedro Álvares Cabral, Nº 107
6250-085 BELMONTE
T. 275 911 055 • F. 275 911 056

BELMONTE

Destaque



Destaque

Kendown, que só começou depois das duas da manhã, havendo aqueles que resistiram até às horas da matina e outros que foram regressando a casa em preparação para os próximos dias.

FUTEBOL, COMIDA E OS CABRAIS

No segundo dia de festa, dia 23, retomaram-se as solenidades às três horas da tarde, porque houve quem se deitasse tarde na véspera, e logo com o Torneio de Veteranos “Pedro Álvares Cabral”, realizado no Estádio Municipal de Belmonte. Foi uma tarde de sol com algumas nuvens, trazendo fresco a quem corria no campo relvado e a quem se refrescava nas bancadas e bar do recinto: a experiência dos atletas veteranos via-se no desportivismo com que se enfrentavam antigos conhecidos dos torneios e campeonatos de futebol, o público via neles os que ainda há poucos anos eram os ídolos dos nossos clubes, e assim viu-se nisto a vitória do torneio que então se disputava. Foram três as equipas traquejadas que participaram: os Veteranos da União Desportiva de Belmonte, os Veteranos do Benfca de Castelo Branco, e os Veteranos de Santa Comba Dão; e os resultados dos três jogos disputados foram os seguintes: VUDB 5 – 2 VSCD, VBCB 2 – 1 VSCD, VUBD 3 – 1 VBCD – de maneira que à equipa da casa calhou o troféu da 6ª edição deste torneio, porém todos ganharam.

Enquanto no Estádio Municipal de Belmonte decorria este evento começou outro, pelas 16 horas, no Auditório do Museu Judaico, o qual foi o lançamento do livro “Belmonte – dos Bispos de Coimbra aos Cabrais”, de José Figueiredo (ver notícia anexa). Por culpa desta sobreposição de horários muitos houve que preferissem o futebol a estoura atividade cultural, mas a verdade é que mesmo assim a sala do auditório encheu para conhecer esta nova obra sobre o passado de Belmonte e nosso, e havia pessoas nos degraus e à porta por falta de cadeira. Assim ficou patente o apreço e a gratidão dos presentes por mais um trabalho que lança luz na história da nossa vila, e esse parece ter sido aliás o propósito do autor, quando na sua intervenção mencionou o gosto que teve em tratar de um assunto tão próximo e familiar – de maneira que o discurso final do Presidente da Câmara, também presente, foi de agradecimento a todos os autores do Concelho de Belmonte, em especial ao homenageado daquela tarde.

Com apetite pela História belmontense e por mais qualquer coisa, pois era altura do lanche, seguiu-se a este lançamento de livro uma Mostra Gastronómica Brasileira, pelas 17 horas, no lugar do Museu dos Descobrimentos: logo à porta descobria-se no ar o aroma tropical das comidas preparadas, nas panelas descobriam-se as cores vibrantes dos ingredientes exóticos, e provando, enfim, descobriu quem estava que a comida é elemento comum a todas as culturas. Entrevistado o cozinheiro daquelas iguarias, Carleone Filho revelou-nos a ementa: “Vatapa”, prato baiano salgado; “Moqueca de Peixe”; “Feijão frade com leite de côco e dendê”; “Arroz cozido em leite de côco”; e para sobremesa “Cocada”, doce de côco – tudo acompanhado pela aguardente de cana típica brasileira. Este foi um momento agradável e suculento, partilhado pelos muitos que ali estavam, e engraçado foi dar conta de que algumas senhoras presentes lembraram logo pratos da nossa gastron-

omia que ficariam enriquecidos com aqueles ingredientes brasileiros – enquanto outras senhoras preferiram a caipirinha.

A noite deste dia continuou no mesmo espírito, tendo atuado dois grupos já bem conhecidos do Concelho, e que foram Persona 77 e Banda Anagrama. Este último grupo foi quem ganhou o Concurso de Bandas do Concelho em 2019, e ofereceu ao público um serão musical diferente dos restantes, com músicas rock da sua autoria, estando a banda junta há cerca de seis anos e afirmando o baixista Felipe que “há um carinho especial por Belmonte”.

Também a Banda Anagrama se mostrou satisfeita de tocar no evento, dizendo uma das vocalistas, Daniela Melo, que esta oportunidade de participar nas Festas do Concelho “é para nós um grande orgulho, e para mim em especial, que sou belmontense!”

FOTOGRAFIA E A FOGUEIRA PATAXÓ

Novamente no domingo, dia 24, retomaram-se as comemorações pelas 15 horas da tarde, e para quem já estava desperto da véspera ou não dormira houve oferta de duas atividades em simultâneo: o Mercadinho Pop-Up do Monte do Bispo e o lançamento do livro de fotografia de Carlos Silva. Relativamente à primeira, fez-se este Mercadinho no lugar da antiga Escola Primária do Monte do Bispo, e teve a organização da Associação iN Monte Cultural: mais uma vez os produtores locais puderam expor e vender a sua produção própria, e mais uma vez o lugar encheu-se com gente da terra e de fora, habituada a encontrar ali um pouco do típico tradicional que se vê cada vez menos – de modo que entre hortaliça, fruta e pão caseiro do Monte do Bispo, mostrou-se nestas Festas do Concelho de Belmonte aquilo que de melhor produz a terra deste Concelho, e mostrou-se a dinâmica daquela terra, sendo a única fora de Belmonte a realizar uma atividade nestes cinco dias de festa.

Relativamente ao lançamento do livro “Belo Monte”, do fotógrafo Carlos Silva (ver notícia anexa), aconteceu apesar de outra atividade simultânea, muitos foram os que quiseram conhecer a obra nova deste artista conterrâneo, e a sala encheu outra vez – mais ainda quando ao fim chegaram os atletas da União Desportiva Belmontense, querendo também homenagear aquele que, pelas suas palavras, faz deles “os atletas mais fotografados da região”. No seu discurso emocionado, “a parte pior para um fotógrafo”, Carlos Silva agradeceu em primeiro lugar à família, depois a quem o incentivou desde o início a publicar o seu trabalho, em terceiro agradeceu ao Gabinete de Comunicação e Imagem do qual faz parte, e cuja colaboração reconhece que o tem feito melhorar profissionalmente, finalmente agradecendo à Câmara Municipal pelo apoio na edição da obra. Por fim deu-se por encerrado o lançamento com a inauguração, no Castelo de Belmonte, de uma exposição do mesmo autor, constante de 15 fotografias da vila e de beleza. Também no Castelo de Belmonte, mas no terreiro interior da muralha, acendeu-se às 21 horas uma Fogueira Sagrada Pataxó (“joôpek miriowê”), a cujo cargo esteve Raoni, representante da Tribo Pataxó, que já falara na véspera. Apesar de inicialmente a audiência se conservar distante e em maledade, pediu Raoni que se dispusessem todos

em círculo ao redor do lume, como se fosse na tribo, e ao centro junto do fogo sagrado ele falou de tronco nu: a mensagem foi universal, pois foi de paz – porém os temas naturais citados por si, como a floresta, o mar e a lua; bem como os assuntos místicos que abordou, como os espíritos animais, ou Niamisu, Deus pataxó; para além da envolvimento da fogueira, trémula, quente e brilhante nas faces de todos – apesar de todos estes elementos estranhos à nossa cultura europeia, universalmente foi um momento maravilhoso e mágico, e ao fim ouviu-se alguém dizer sinceramente que “tinha aprendido com o índio”.

Coube o palco do Pavilhão Multiusos nesta noite ao conjunto Bela e Biscaia e a Virgílio Faleiro : tocando desde a meia noite até às quatro da manhã, este artista da terra encheu o pavilhão e pôs toda a gente a dançar e a cantar o seu repertório de músicas, num dia em que mesmo antes de entrar em palco se reuniram muitos dos espetadores às portas do pavilhão para ouvirem o lançamento dos 48 morteiros – porém estando mais sedentos por uma dança e não só, não



levou muito tempo até que todos se juntassem dentro do edifício para celebrarem a noite de domingo em grande.

COMEMORAÇÕES DO 25 DE ABRIL E PROCISSÃO

Amanheceu o dia da Revolução dos Cravos com alvorada de foguetes pelas 9 horas, e se houvesse então quem dissesse que era por causa do Feriado Nacional, e outro que afirmasse que era por causa das Festas do Concelho, ambos estariam certos. Desta forma, chegadas às 10:30 horas, procedeu-se ao Hastear das Bandeiras com a intervenção das entidades e associações presentes, perante os muitos que assistiam no passeio: os Bombeiros de Belmonte formaram, empunhando os machados reluzentes, os Escuteiros de Belmonte fizeram “V” com os dedos, e a Banda Filarmónica de Belmonte tocou o Hino Nacional enquanto as autoridades políticas subiam a bandeira portuguesa, a bandeira do município, e a bandeira europeia. Depois procedeu-se à Arruada, liderada pela Banda de Belmonte e seguida por muitos, de forma que as ruas da vila ecoaram compassos musicais e passos. Foi nesta Arruada, de resto, que

aconteceu um dos momentos mais inesperados das Festas do Concelho, pois não estava programado, o que lhe deu mais valor ainda: foi quando chegou o cortejo junto à estátua de Pedro Álvares Cabral, e alguns dos populares presentes começaram gritando “25 de abril sempre”, e cantando “Somos Livres”, acompanhada de improvisado pelos músicos da Banda Filarmónica que não esperavam aquilo.

Depois pelas 11 horas e 30 minutos deu-se início à Sessão Solene da Assembleia Municipal de Belmonte Comemorativa do 25 de abril, e falaram Rosa Coutinho, pela CDU, Acácio Dias, pelo PSD, Luís António Almeida, pelo PS, António Rocha, Presidente da Câmara Municipal de Belmonte, e Amândio Melo, Presidente da Assembleia – cinco discursos que, apesar dos interlocutores diferentes, convieram todos na mesma mensagem: é preciso cumprir-se abril. Houve também durante esta sessão tempo para dois apontamentos artísticos, o primeiro a cabo da Escola de Mú-

sica de Belmonte, onde Martim Leal tocou guitarra portuguesa e o segundo por José Manuel Vieira, que declamou sonoro Poesia de Abril, com versos de Pablo Neruda e poetas locais.

Foi depois de almoço, um pouco após as 15 horas, que se regressou ao Auditório do Museu Judaico para mais uma atividade, desta vez “Cantar e dizer abril”, organizada pela Associação Desportiva de Belmonte e conduzida por José Augusto. Novamente com casa cheia, nesta edição além de celebrar abril homenageou-se Adriano Correia de Oliveira, canta-autor de intervenção e mais uma das figuras maiores de oposição ao autoritarismo do antigo regime: recordou-se a sua vida, recordaram-se as suas músicas, e procurou não se esquecer a liberdade que o próprio cantou sempre – quando noutra momento inesperado quis o músico Miguel Calhaz, presente de passagem na sala, homenagear abril e agradar à assistência, cantando ao som do contrabaixo que tocou com mestria obras como a “Partida”, de Adriano Correia de Oliveira, “Redondo Vocábulo”, tema de Zeca preferido do músico, “Senhora do Almortão”, tão bem conhecida de nós todos, e finalmente “Inquietação”, de José Mário Branco. Hou-

Destaque



ve depois disto declamação de poemas de Manuel Alegre e Carlos Afonso, finalizando-se este evento que cheirou a cravos com um vídeo de Adriano Correia de Oliveira, cantando a “Trova do vento que passa”, e cantado por todos os presentes.

Do secular passou-se ao religioso, pois a devoção a Nossa Senhora da Esperança parece perdurar em Belmonte desde que Cabral levou esta figura consigo ao Brasil, e pelas 21 horas da noite decorreu na Igreja de Belmonte a Missa, seguida de Procissão em Honra desta Nossa Senhora. A igreja estava repleta, no que foi uma missa sentida, mas no exterior acumulou-se multidão maior do que a que estava dentro para participarem todos na procissão – a qual aconteceu ao som da Banda Filarmónica de Belmonte, à luz das velas cintilantes que os devotos levavam, e sob o olhar das duas figuras de Nossa Senhora da Esperança, Senhora da devoção dos belmontenses, e de Nossa Senhora da Aparecida, padroeira do Brasil. A fim de noticiar com rigor o trajeto e solenidade desta celebração religiosa, fica registado que à passagem do Largo Zeca Afonso a sua estátua abriu o punho levantado para saudar quem passava, a tília grande e velha em baixo curvou os ramos em homenagem, Cabral descobriu a cabeça no seu pedestal, da varanda da Câmara choveram pétalas de rosa sobre as imagens e as pessoas, por respeito pararam os pompos de arrullhar no Jardim Municipal, e as velhas pedras do Castelo viram com humildade passar uma tradição que é quase tão antiga como elas.

Não saciadas de música e luz, continuaram as Festas do Concelho com um Fogo-de-Artifício Piromusical, que aconteceu no exterior do Castelo de Belmonte pelas 23 horas e meia: foram mais de quinze minutos de foguetes coloridos e sonoros, acompanhados de música e de público deliciado, de modo que pela vista das cores, audição dos estampidos e cheiro a pólvora queimada, só faltou provar e tocar aquele espetáculo para que os cinco sentidos fossem satisfeitos. A última noite acabou diferente dos últimos dias, com a Banda & Tarola a fechar o ciclo de festas musicais do Concelho. Ao contrário dos outros dias que fecharam sempre com um DJ (DJ Seco, Latinbeat), o dia 25 de abril acabou só com esta banda e tam-

bém com menos pessoas ao final da noite, pois nem para todos seria feriado no dia seguinte, e outros já estavam cansados das noitadas idas.

DIA DO CONCELHO

Também com Alvorada começou este último dia das Festas do Concelho de Belmonte, dia 26, porém o principal dos cinco por ser o dia do Feriado Municipal. Foi pelas 9 horas e 30 minutos que se deu a receção dos convidados, entre eles Ana Abrunhosa, Ministra da Coesão Territorial, e Raimundo Carreiro Silva, Embaixador do Brasil em Portugal. Após o hastear das bandeiras, às 10 horas, acompanhado pela Banda de Música de Belmonte, Bombeiros Voluntários de Belmonte, e o Agrupamento de Escuteiros de Belmonte, e no qual foi notada a falta da Banda Filarmónica de Cacia, decorreu na Câmara a Sessão Solene Comemorativa do Dia do Concelho de Belmonte.

O primeiro discurso coube a António Rocha, Presidente da Câmara Municipal, o qual fez voto de uma cooperação mais estreita entre Portugal e o Brasil, tanto mais que, pelas suas palavras, “o Brasil nasceu aqui”. Assim como pediu ao embaixador do Brasil o seu empenho para que o consulado do Brasil em Belmonte seja uma realidade, o presidente elencou uma série de projectos que o município tem em mão e quer ver financiado, pelo PRR. Seguidamente procedeu-se à leitura de uma carta do Prefeito de Santa Cruz Cabralia, lamentando a sua ausência pela razão de que, em Cabralia, igualmente se celebra naquele dia 26 de abril a primeira missa dita pelos portugueses no Brasil; e leu-se também depois uma carta enviada pelo Prefeito de Porto Seguro, de seguida o índio Pataxó presente na cerimónia, veio acompanhada por duas lanças cerimoniais índias de madeira farpada, para oferecer à ministra e ao embaixador presentes, o índio deixou um pedido ao embaixador do seu país e à ministra, que se empenhassem na defesa das línguas indígenas que estão ser postas em causa e a perder-se em particular na Amazônia. Acerca do consulado, o Embaixador do Brasil no seu discurso afirmou a sua vontade para que tal aconteça, garantindo que, pela sua parte, levará o caso até às mais altas autoridades do seu país e que o consulado po-

derá vir a ser uma realidade ainda este ano. Usou ainda da palavra um representante do Governo Regional dos Açores, que destacou a importância dos Cabrais no povoamento dos Açores.

Ocorreu então um momento musical, tocado a guitarra clássica pelo jovem Lucas Rodrigues, e procedeu-se de seguida à entrega das distinções honoríficas por parte da Câmara: pelo trabalho prestado na área da saúde no combate à pandemia como coordenadora do ACES da Cova da Beira agradeceu-se com a Medalha de Prata do Município Henriqueta Forte, Laura Gonçalves pelo trabalho Cinematográfico de Animação. Com a medalha de Mérito Desportivo premiou-se a União Desportiva Cariense, Ana Caramelo, Hélio Costa e Sofia Sá, para além do pequeno Guilherme Morais. Os prémios de Melhores Alunos do ano letivo 2020/2021 do Agrupamento de Escolas Pedro Álvares Cabral couberam a Carolina Lopes, José Elvas, João Elvas, António Costa, Madalena Mata e Leticia Teles do 6º Ano, com o prémio monetário de 350,00 Euros. Francisca Marques e João Rocheteau do 9º ano estes com o prémio de uma viagem ao Brasil à Costa dos Descobrimientos e o melhor aluno do 12º Ano ao aluno Jaime Pinto com 500,00 euros. Dois trabalhadores da autarquia foram agraciados, António José Pimenta de Melo pelos seus 45 anos ao serviço da autarquia e Maria João Carvalho 25 anos.

Por fim chegou-se ao discurso aguardado da Ministra da Coesão Territorial, Ana Abrunhosa, gestora do atual processo de transferência de competências do Estado para o poder autárquico, e uma frase a ressaltar do que disse é que “Portugal só será um país do 1º mundo quando houver equilíbrio entre o Interior e o Litoral”. Para este esforço, continuou a ministra, todos devemos participar, e um bom exemplo do que já está a ser feito no sector de apoio a idosos referindo-se, é a futura ERPI (estrutura residencial para idosos) para utentes com doença mental, a construir em Cacia, deixando a Ministra a garantia do financiamento deste projeto pois para além de colmatar uma lacuna neste género de assistência social que falta em quase todo o país, vai chamar à zona mão-de-obra especializada, o que certamente levará à fixação de pessoas no nosso Concelho, rotulando o projeto de inovador e integrador, reunindo vontades de várias entidades da região, pois disse ainda que é assim que tem que ser, recomendando aos autarcas que lhe façam desafios intermunicipais.

Posto isto, e à chuva miudinha que então começara, seguiu-se em comitiva liderada pela marcha marcial dos Bombeiros até à estátua de Pedro Álvares Cabral, a quem foi prestada homenagem.

Houve depois Missa na Igreja Matriz de Belmonte, novamente em honra de Nossa Senhora da Esperança, celebrada naquele dia, e ainda que a afluência não fosse tão grande como na véspera, à noite, mesmo assim o lugar sagrado encheu: a deixar registado o Salmo salmodicamente cantado, a solo, e pelo conjunto do Grupo Coral de Belmonte entoado depois um Magnífico magnífico, para além da tradicional música de Nossa Senhora da Esperança, ao fim. Programada estava a procissão em honra desta Senhora, porém porque disseram que chovia na rua já não se fez – se bem que ao sair, vendo que não chovia, alguém comentou que tinham mentido ao padre.

Após o almoço, passou-se às 16 horas da tarde para aquele que terá sido com certeza o ponto mais importante destes festejos, senão o de mais valor: aconteceu no Auditório Municipal de Belmonte a apresentação do Programa de Inovação Digital Belmonte Connect, que é uma parceria já iniciada no princípio do ano entre a Câmara de Belmonte e a empresa WIT Software para a instalação no nosso Concelho de uma plataforma internacional de trabalhadores na área das tecnologias digitais.

Estiveram presentes e discursaram nesta apresentação o Presidente da Câmara Municipal de Belmonte, António Rocha, através de videoconferência a Ministra do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social Ana Mendes Godinho, o Embaixador do Brasil em Portugal, Raimundo Carreiro Silva, o Administrador da AICEP (Agência para o Investimento e Comércio Externo de Portugal), João Paulo Salazar Dias, a Secretária de Estado do Desenvolvimento Regional, Isabel Ferreira, o fundador e CEO da WIT Software, Luís Moura e Silva, a Presidente Isabel Damaceno da Comissão de Coordenação e Desenvolvimento da Região Centro, assim como o seu Vice-Presidente Eduardo Anselmo de Castro, e a Ministra da Coesão Territorial, Ana Abrunhosa – painel de relevo que fez Luís Moura e Silva confessar ter então mais confiança neste projeto apresentado, tendo em conta as autoridades políticas presentes. Mais eco fez desta confiança a Ministra da Coesão Territorial, Ana Abrunhosa, quando no seu discurso deu conta da total disponibilidade do Governo para levar por diante este projeto inovador, pedindo que, no seu regresso a Belmonte, tenha já sido implementado – e a frase final com que o Presidente da Câmara de Belmonte, António Rocha, terminou esta apresentação, é também reveladora da mesma vontade camarária: “Façamos acontecer”. Foi o momento politicamente falando mais importante das festas, juntar tantas vontades num só dia e no mesmo espaço, para apadrinhar um projeto rotulado por todos de inovador e importante, duas ministras, uma secretaria de estado, presidente e vice-presidente CCDRC, o vice-presidente da AICEP, um embaixador e o investidor e fundador CEO da WIT Software, coisa nunca vista por terras do interior.

Por fim e no mesmo espaço decorreu a atividade derradeira de cinco dias de folia, que foi a Entrega dos Prémios dos Concursos do Concelho, pelas 18 horas: o primeiro lugar do Concurso Varandas Floridas coube ao Projeto Jump, a Pré-Escola do Carvalhal Formoso venceu o Concurso de Presépios, o prémio do Maior Madeiro foi para o Monte do Bispo, como também o prémio de Foto do Madeiro, atribuída a Magda Costa, e a melhor Montra de Natal considerada a concurso foi a da loja Antiguidades Martins.

Com este evento findaram as Festas do Concelho, e à vista de todos os que houve nestes cinco dias e noites grandes, nenhum podia ter sido melhor escolhido para encerramento, pois ali estava realmente representado o Concelho: estiveram presentes pessoas de todas as nossas terras, e todos conhecidos. Durante um ano, entre si competiram pela melhor montra de loja, maior madeiro, ou varanda mais florida que a do vizinho – e enfim desta competição amigável, visível na boa disposição de todos os presentes naquele fim de tarde, sobressaiu e venceu o que vinha sendo festejado – o nosso Município.

Destaque



Uma reflexão histórica sobre o passado de Belmonte

Com este livro “Belmonte – Dos Bispos de Coimbra aos Cabrais”, oferece-nos José Figueiredo o resultado final de um seu trabalho académico, bem como o princípio histórico desta localidade até à data de 1580, período obscuro e pouco estudado ao qual o autor procura trazer alguma luz

POR IVO CERDEIRA/SOFIA CAMELO

Esta é, portanto, uma obra importantíssima não só para a vila, mas para o conhecimento da História nacional, e o valor que tem vem-lhe não só desta originalidade, mas também do rigor académico com que está escrita, sustentando a sua informação numa bibliografia lata e perita, e com documentos históricos que o autor coligiu para o efeito – sem esquecer outra virtude deste livro, e que é dizer tudo quanto pretende em poucas páginas, duas coisas das quais, geralmente em artigos académicos, por se ter uma se não consegue a outra.

Deste modo, em quase cem páginas de muita informação verificada, dá-se conta da pré-história da vila que a existência da anta na quinta homónima comprova, atribuindo-se depois importância política à Torre de Centum Cellas, que serviria de centro social e autoritário, chegando-se então ao período da Reconquista Cristã que terá sido quando foi habitada a eminência onde Belmonte está hoje, e fortificadas as bases do que é hoje o castelo, mandado levantar por D. Sancho I. Depois menciona-se o primeiro foral de Belmonte, datado de 1199 e atestando a antiguidade da vila, seguindo-se as disputas entre as Dioceses de Coimbra e da Guarda acerca da pertença destes territórios, e culminando num estudo acerca da linhagem dos Cabrais, ao que parece descendente de uma das cinco famílias mais proeminentes da Reconquista, a de Baião. Por tudo isto é meritória a elaboração e publicação deste livro, e a sensação que se tem depois de lê-lo é que se aprendeu mais sobre a terra que se julgava conhecer – e tudo em estilo fluído e claro, atestando a opinião expressa pelo autor, se bem que à partida contraintuitiva, de que a história, sendo uma ciência, deve ser feita com arte.

Na apresentação desta obra, estiveram o presidente do Município António Rocha, Amândio Melo Presidente da Assembleia Municipal e o professor David Canelo a quem coube a tarefa de apresentar o livro. José Figueiredo afirmou que este seu trabalho é a história social e económica do concelho desde Centum Cellas até 1580. Quando analisamos a história esse trabalho tem que ser feito por épocas este período corresponde ao final da idade média desde a reconquista cristã e a fundação do concelho até à perda da independência de Portugal, em relação à estadia dos judeus em Belmonte, que o autor defende que é anterior a 1492, aquando da expulsão de Espanha pelos reis católicos. Este trabalho tem por objetivo dar a conhecer o passado para melhor compreender o presente. Segundo Caninhas Figueiredo outro trabalho está já a nascer.

David Canelo falou da importância desta obra e das dificuldades que é tratar estes documentos da idade média, como é difícil interpretar essa escrita, pois este trabalho é de muita minúcia, dizendo que o amigo José Manuel estava de parabéns pelo trabalho feito. Esta é uma obra que fazia falta ao concelho para melhor compreender as nossas origens. António Rocha salientou o orgulho de estar ali na apresentação desta obra pois ela é muito importante para o concelho e agradeceu o trabalho feito, assim como lançou ao autor o repto de continuar.

José Figueiredo começou por agradecer ao presidente da câmara e seu amigo António Rocha, o ter-lhe proporcionado o lançamento deste seu trabalho, agradeceu ao seu amigo David Canelo as suas palavras, assim como agradeceu à sua esposa e restante família, como a todos os presente, deixou a promessa de em breve voltar com outro trabalho.



Belo Monte Fotografado

Não poderia ter sido melhor o título escolhido, Belo Monte, para este álbum fotográfico de Belmonte – pois de Belmonte captura a perspectiva mais sublime, e é este álbum fotográfico, por isso mesmo, belo

POR IVO CERDEIRA/SOFIA CAMELO

Ao longo de cento e quinze páginas de uma edição de luxo conduz-nos Carlos Silva não pela mão, mas pelo olhar, aos sítios e momento precisos da imagem perfeita: a panorâmica é o seu estilo próprio, na qual Belmonte e a Lua figuram como modelos indispensáveis, e como se nem só isto chegasse para comover serve-se o fotógrafo de várias técnicas de composição de imagem, ora para que numa foto caiba a totalidade do que pretende capturar, ora aproximando ou afastando elementos da paisagem para uma panorâmica diferente daquela que o olho nu consegue. Da primeira técnica resultam fotografias amplas como a 19, tirada no Largo do Brasil e que nunca pareceu tão espaçoso, ou a 32, capturada no Largo Zeca Afonso com cores vibrantes; e procedente da segunda técnica mencionada temos fotos como a 4 e a 5, mostrando Belmonte com a Serra da Estrela nevada ao fundo, ou a 12 e a 13, que as muralhas de Sortelha quase fazem tocar com as do Castelo de Belmonte. Porém nem só na panorâmica se esgota o talento criador do fotógrafo, e a sua sensibilidade revela-se no esteticismo tocante de imagens como a da janela manuelina do castelo coando a luz do sol nascente que a atravessa (foto 9), ou a do sol que acende o menorá (foto 49). “Este é um livro que nos faz gostar de Belmonte”, foi dito na sua apresentação; mas nas últimas páginas presenteia-nos este fotógrafo filho da terra com algumas cenas das vilas circundantes, como o Colmeal da Torre, Maçaínhas, Caria e Inguias – com certeza ponto de partida para a próxima obra a publicar pelo artista, e que envolverá paisagens de todo o Município. Carlos Silva disse que este livro, surgiu porque há alguns tempo atrás o presidente da Câmara Dr. António Rocha lhe lançou o

desafio, de reunir um conjunto de fotografias, com o objetivo de fazer uma publicação. Este livro é o resultado da reunião de 82 das muitas fotografias que tenho tirado, o livro é a seleção e resultado final dessa escolha, que é bonita e valiosa, um modo diferente de olhar e ver os lugares que todos conhecemos.

Estiveram nesta apresentação o presidente do Município António Rocha, o presidente da Assembleia Municipal Amândio Melo, a apresentação deste livro de fotografia esteve a cargo de Carlos Afonso, como estiveram presentes na sala muitos dos amigos e familiares de Carlos Silva.

Na apresentação feita por Carlos Afonso salientou este novo olhar de Belmonte e as suas belezas, assim como responsabilizou o fotógrafo por este ter dado a conhecer vários pormenores de alguns lugares que todos vemos, mas no lugar não conseguimos ver a dimensão real da sua espectacularidade, como disse que Carlos Silva fica na história pelo fato de ter dado a conhecer o lado noroeste do Castelo de Belmonte e a sua beleza, que não estávamos acostumado a ver, assim como este hoje é conhecido como o fotógrafo das luas, como está bem patente na capa do livro.

António Rocha salientou a beleza desta obra e o fato de Carlos Silva ser um autodidata, como disse que não quer que as coisas fiquem por aqui, lançado o desafio ao Carlos Silva de para o próximo anos estarmos aqui a lançar um novo livro com fotografias das restantes freguesias do Concelho.

Carlos Silva muito emocionado agradeceu o apoio que lhe foi dado pelo Município, assim como todo o empenho do grupo de amigos do Gabinete de Imagem e Comunicação em particular ao Cristóvão Matos, pelo seu papel no resultado final desta obra, que só foi possível este resultado pelo seu perfeccionismo, salientando que este não deixa ao acaso os pequenos pormenores. ■